



TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS NO MEIO RURAL EM UM PERÍODO DE 12 ANOS: UM ESTUDO COMPARATIVO NO MUNICÍPIO DE ROQUE GONZALES-RS

RURAL PRODUCTION TRANSFORMATIONS IN A PERIOD OF 12 YEARS: A COMPARATIVE STUDY IN THE MUNICIPALITY OF ROQUE GONZALES-RS

Sávio Costa Borges¹, Jairo Alfredo Genz Bolter², Jaqueline Mallmann Haas³

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo a análise das transformações produtivas de uma comunidade rural entre os anos de 2005 e 2017. Para tanto observou-se a realidade da comunidade de Poço Preto, município de Roque Gonzales, localizado ao noroeste do estado do Rio Grande do Sul, em um intervalo de doze anos. Foram coletadas informações, através de questionários pré-elaborados e aplicados a um grupo de 19 unidades de produção através de entrevista aberta, a partir das quais realizou-se observação dos principais sistemas de produção desenvolvidos na comunidade no ano de 2005, posteriormente, no ano de 2017, retornou-se a mesma comunidade para realização de novas entrevistas e observação dos sistemas de produção desenvolvidos. Os principais resultados desse trabalho nos apontam para mudanças significativas, não só dos sistemas de produção, mas como de toda a estrutura econômica e social da comunidade, uma vez que a mesma, durante o intervalo da pesquisa, foi atingida pela construção da Usina Hidrelétrica Passo São João, ocorrida no município, ocasionando o alagamento de áreas significativas da comunidade, obrigando assim mudanças, especialmente da matriz produtiva que migrou do leite para a alfafa (*Medicago sativa L.*). Conclui-se, a partir dos dados coletados, que as transformações observadas, especialmente produtivas, foram decorrentes de intervenções externas.

Palavras-chaves: Sistemas de produção, transformação, comunidade

Abstract: *The objective of this study was to analyze the productive transformations of a rural community between the years 2005 and 2017. The reality of the community of Poço Preto, municipality of Roque Gonzales, located in the northwest of the state of Rio Grande do Sul, in an interval of twelve years. Information was collected through pre-elaborated questionnaires and applied to a group of 19 production units through an open interview, from which the main production systems developed in the community were observed in 2005, later in the year of 2017, the same community was returned to carry out new interviews and observation of the production systems developed. The main results of this work point us to significant changes, not only in the production systems, but also in the entire economic and social structure of the community, since during the research period the same was achieved by the construction of the Hydroelectric Power Plant Passo São João, occurred in the municipality, causing the flooding of significant areas of the community, thus causing changes, especially the productive matrix that migrated from milk to alfalfa (*Medicago sativa L.*). It is concluded from the data collected that the observed transformations, especially productive ones, were due to external interventions.*

Keywords: *Production systems, transformation, community*

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, teve como objetivo observar as transformações produtivas da comunidade de Poço Preto, uma comunidade essencialmente familiar, localizada no município de Roque Gonzales, noroeste do estado do Rio Grande do Sul, no intervalo de 12 anos (2005-2017).

O estudo está baseado fundamentalmente nas observações e respostas dos 19 questionários, semi-estruturados que foram aplicados com os produtores familiares da comunidade no ano de 2005 e posteriormente em novas visitas no ano de 2017. Os resultados das entrevistas aliados as observações dos entrevistadores nas unidades de produção e conversas paralelas possibilitaram à análise da paisagem, resgate histórico, caracterização sócio econômica dos produtores, a partir da qual, definiram-se as tipologias dos produtores e de produção.

A comunidade de Poço Preto, historicamente é formada por agricultores familiares, e que na realidade do município acompanham o contexto que os dados do último censo

agropecuário (2006), apresentaram sobre a realidade dos estabelecimentos familiares no país, que representavam 84,4% da totalidade dos estabelecimentos agrícolas. Tendo, entretanto, que se adaptar as exigências da agricultura moderna, e ocupar, menos de 25% do total da área destinada à agricultura no país. Assim, essa “forma” de agricultura guarda ainda muito dos seus traços camponeses, tanto porque ainda tem que “enfrentar” os velhos problemas, nunca resolvidos, como por que, fragilizada, nas condições da modernização brasileira, continua a contar, na maioria dos casos, com suas próprias forças, ou seja, a inexistência de uma aplicação racional de política agrária específica para cada região brasileira, obriga a essas pessoas a soluções para sua sobrevivência, tais como associações e cooperativas, que na maioria das vezes por falta de maiores instruções, são fadadas ao insucesso causando não raras vezes na desistência da maioria dos agricultores.

Frente a essa pequena reflexão sobre a realidade da agricultura familiar no país, nos remetemos a comunidade de Poço Preto, que em 2005 apresentava-se como uma comunidade próspera, com diversas associações de produtores e uma matriz produtiva altamente alicerçada na atividade leiteira, a qual por sua vez vinha garantindo a manutenção das famílias no meio. No entanto, no ano de 2007 tem início os debates com relação a um fato que alteraria para sempre, não só a paisagem como a vida das famílias desta comunidade, a construção da Usina Hidrelétrica Passo São João.

O presente trabalho apresenta assim, para além das transformações produtivas da comunidade de Poço Preto, objetivo geral do trabalho, alguns debates referentes as transformações apresentadas por esse espaço delimitado, no intervalo de 12 anos, tendo a presença desse fator externo (UHE Passo São João), como bastante relevante para a nova realidade observada.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos, em uma comunidade do interior do município de Roque Gonzales, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, inicialmente no primeiro semestre de 2005, tendo como público alvo as unidades de produção familiar

da comunidade do Poço Preto e em um segundo momento, no primeiro semestre de 2017, como novas visitas e observações a essa mesma localidade.

As informações foram coletadas inicialmente em um grupo de 19 unidades, obtidas através de questionário pré-elaborado e observações feitas pelos pesquisadores em cada propriedade. A análise e diagnóstico das unidades de produção familiar foi caracterizada por momentos distintos e integrados; iniciou-se com a análise dos estudos já existentes, leitura da paisagem e resgate histórico. Posteriormente houve a aplicação dos questionários, análise dos resultados e a classificação dos produtores e dos sistemas de produção em diversas tipologias. Passados 12 anos, realizou-se novas observações na localidade em estudo, tendo em vista a construção da Usina Hidrelétrica Passo São João, que teve a formação do reservatório durante o mês de agosto de 2011 e as Unidades Geradoras entrando em operação em março de 2012.

A seguir, figura 01 com a localização do município no âmbito do estado do Rio Grande do Sul.

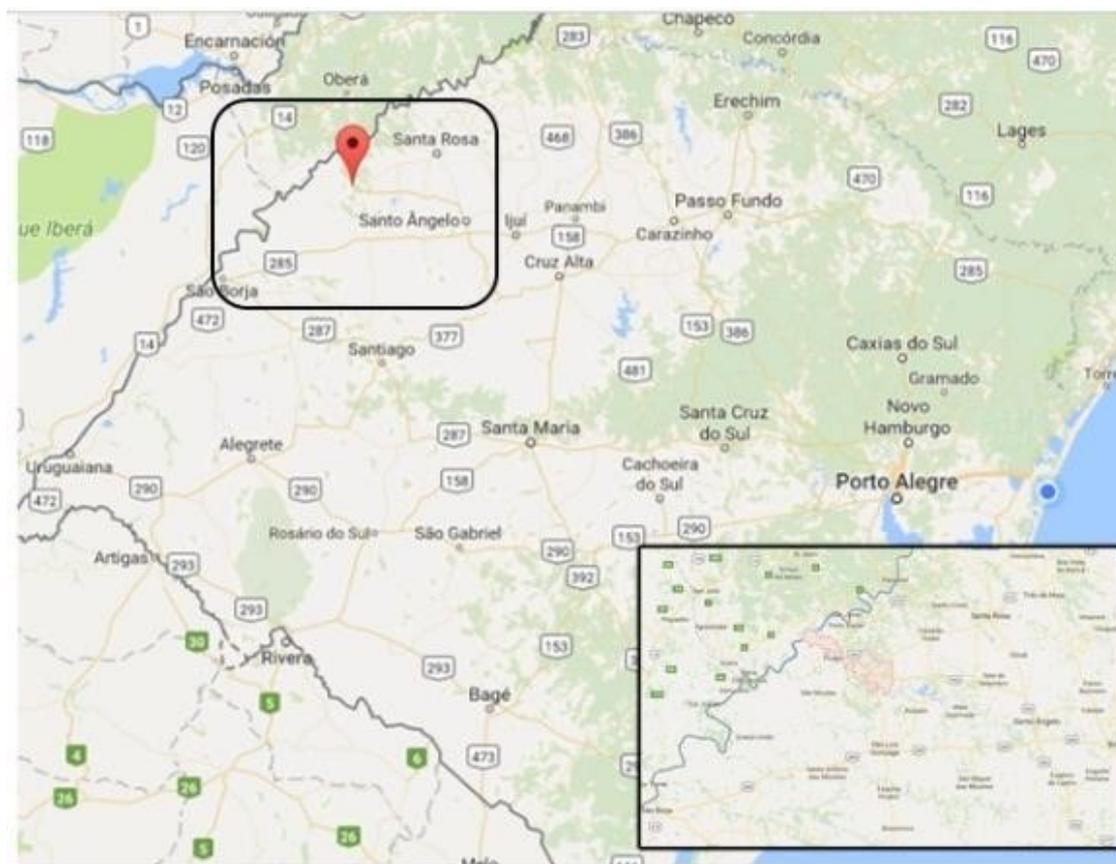


Figura 01: Aspectos da localização do município de Roque Gonzales no estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: Google Mapas (adaptado)

RESULTADOS

Na análise da paisagem pode-se perceber que a comunidade de Poço Preto, herda as marcas de uma exploração, onde a primazia tudo era mata, e aos poucos foram sendo abertas clareiras para a constituição das lavouras e campos. Apesar do grande desmatamento que houve, hoje existe uma maior consciência e preservação¹, fatores que contribuem para uma paisagem mais arborizada entre as áreas destinadas a produção agropecuária. É importante destacar a localização em que se desenvolveu a comunidade, ou seja, ela faz um contorno, na costa do Rio Ijuí.

A comunidade de Poço Preto é formada por um relevo de médias a altas ondulações, fator que teria influenciado diretamente na vocação local pela pecuária, mais especificamente o gado de leite. Essa atividade também esteve historicamente ligada à questão do curso do rio, pois eram nas terras que costeavam o rio, que as propriedades concentravam os melhores campos ou cultivavam as melhores pastagens.

No resgate histórico, percebe-se uma comunidade formada especialmente por imigrantes alemães, vindos principalmente da região de Santa Cruz do Sul, Estrela e Venâncio Aires, os quais chegaram, aproximadamente no ano de 1925. Inicialmente a área, em que hoje se localiza a comunidade, era totalmente dominada pelo mato nativo. Os primeiros moradores da comunidade, tiveram grandes dificuldades na construção das suas primeiras instalações, pois não se tinha estradas ou até mesmo picadas que possibilitassem a passagem das carroças.

Os principais produtos produzidos na época da colonização eram os de subsistência, como milho, feijão, arroz, batata, mandioca, verduras e a criação de aves, bovinos e suínos. Com o passar dos anos e a evolução das relações comerciais, a comunidade passou a se dedicar a produção de monoculturas. Destacando-se a forma

¹ Nas observações realizadas em 2005, a conscientização ainda não era tão expressiva, no entanto, frente as diversas e frequentes atividades visando à conscientização ambiental, desenvolvidas pelas equipes ligadas a UHE Passo São João, tal realidade tem sido transformada.

organizada e o espírito associativo, que acompanhou a comunidade por longos anos (chegando em 2005 a contar com um total de vinte e oito associações).

Em 2005, foram identificadas nove (9) diferentes tipologias de agricultores, a seguir apresentadas.

Tipo 1 - Os produtores que se enquadravam nessa tipologia, em 2005, apresentavam como atividade principal o cultivo de alfafa, milho e soja; além da presença de pecuária com a criação do gado de leite e corte. Contavam com assistência técnica de uma cooperativa e de uma empresa privada, especificamente para a atividade leiteira. Ampla participação dos produtores em cursos e treinamentos.

Tipo 2 - Os produtores desta tipologia, tinham como atividade principal o cultivo da alfafa (*Medicago sativa L.*), e de hortaliças. Todas as propriedades contavam com assistência técnica da Emater/RS-Ascar, além dos serviços prestados por uma Cooperativa e também da prefeitura Municipal. Destacava-se nessa tipologia a grande diversificação na produção de subsistência.

Tipo 3 - A tipologia 3, representava as unidades de produção que tinham como atividade principal a pecuária leiteira, o cultivo de soja e culturas de subsistência. Todas recebiam assistência técnica, sendo provida 50% pela Emater/RS-Ascar e 50% por uma segunda cooperativa (diferente da que atendia os produtores da tipologia 1 e 2).

Tipo 4 – Na tipologia 4, estavam classificados os produtores que apresentavam como atividade principal o cultivo da alfafa, soja e culturas de subsistência, aliado a pecuária leiteira. Somente 50% dos produtores recebiam assistência técnica, sendo esta proporcionada pela Emater/RS-Ascar e pela mesma cooperativa que atendia as tipologias 1 e 2. Eram basicamente produtores especializados em dois sistemas de produção alfafa e leite.

Tipo 5 - Os produtores que se enquadravam dentro desta tipologia, eram os que tinham como atividade principal a pecuária de corte e leite, sendo que a produção de alfafa, soja e milho, além de cultivos de subsistência, também desenvolvidos, eram complementos para a atividade principal. Todos os produtores recebiam assistência técnica prestada pela Emater/RS-Ascar, além de uma empresa privada. Eram produtores com sistemas de produção especializados.

Tipo 6 - O diferencial deste grupo estava na grande produção para subsistência e

por não apresentar uma atividade principal específica mais desenvolvida. Recebiam assistência técnica da Emater/RS-Ascar e de uma Cooperativa, além de que participavam efetivamente de cursos e treinamentos ofertados no município, voltados para atividades rurais.

Tipo 7 - Os produtores que se enquadravam dentro da tipologia 7, tinham como atividade principal o cultivo da alfafa e da soja, em nível especializado, e a pecuária com a exploração do leite e carne, como complementar. A assistência técnica era proporcionada por duas cooperativas, uma empresa privada, além dos trabalhos tradicionais prestados pela Emater/RS-Ascar.

Tipo 8 – Eram os produtores que tinham como atividade principal o cultivo da alfafa, soja, milho e trigo, destacando-se o binômio trigo-soja, além da presença de atividades vinculadas a pecuária de leite e corte. Todos recebiam assistência técnica, essa ofertada pela Emater/RS-Ascar, uma cooperativa e uma empresa privada. A participação em cursos e treinamentos era bastante expressiva dessa tipologia.

Tipo 9 – nesta última tipologia, estavam enquadrados uma parcela significativamente pequena de produtores, a qual tinha como principal atividade econômica a pecuária leiteira, altamente especializada, consorciada com a bovinocultura de corte. Contava com ampla assistência técnica, incluindo de Universidades.

O estudo e identificação, em 2005, da tipologia dos produtores, estava alicerçado basicamente em se observar, analisar e estudar propriedades mais homogêneas, tentando identificar num primeiro momento isoladamente as potencialidades e as restrições, sendo que dentro da escala de um estabelecimento agrícola, um sistema de produção pode ser entendido como uma combinação (no tempo e no espaço) dos recursos disponíveis para a obtenção das produções vegetais e animais (FAO/INCRA, 1996).

Juntamente com a tipologia dos produtores, então a identificação dos sistemas de produção é um elemento que permite localizar os problemas técnicos e econômicos que cada grupo de produtor vem enfrentando. Assim, possibilita elaborar políticas e projetos mais específicos e apropriados para cada tipo de produtor.

Baseados nos resultados dos questionários aplicados em 2005, que abordaram os diferentes tipos de culturas e seus métodos de cultivo, apresentaremos a seguir a tipologia de produção dos moradores do Poço Preto, Roque Gonzales, RS.

Quadro 01: Resumo das Tipologias dos Sistemas de Produção no ano de 2005

Tipologia	Principais Características
Tipologia 01 (Soja-milhotrigo)	Contempla um sistema, onde a soja, o milho e o trigo apresentam semelhanças no modo de produção. O plantio é direto, com o uso de herbicidas para preparar o solo, e agrotóxicos para o controle das ervas daninhas. O preparo do solo é feito através de tração mecanizada. A comercialização da produção é feita na Cooperativa do município.
Tipo 02 (milho)	A produção de milho apresenta caráter de subsistência, sendo utilizado em grande parte para a alimentação dos animais. O preparo do solo é realizado com tração animal e manual, e plantado na mesma área das pastagens de inverno. São utilizados herbicidas na aplicação do sistema de plantio convencional, com a utilização de agrotóxicos no desenvolvimento da cultura. A produção é comercializado na Cooperativa do município, basicamente quando este se encontra valorizado no mercado.
Tipo 03 (alfafa)	A alfafa é um cultivo bem difundido na comunidade, sendo que o preparo do solo é realizado por uso de trator e tração animal, substituindo os cultivos de pastagens. O plantio direto é aplicado parcialmente, concomitante com o convencional, fazendo-se uso de expressiva quantidade de agrotóxicos. A comercialização da produção ocorre por meio de intermediários, que compram o produto do produtor, armazenam e revendem nos períodos de escassez.
Tipo 04 (hortaliças)	Todas as unidades de produção da comunidade desenvolvem esse tipo de produção, utilizando meios manuais de preparo do solo, é um dos poucos sistemas desenvolvidos sem a presença de agrotóxicos. Basicamente sua produção é destinada ao consumo da própria família, entretanto a produção excedente é comercializada em feiras e na comunidade em geral.
Tipo 05 (Leite I)	Inclui produtores de leite com alto grau de especialização, trabalhando com campo nativo, pastagem de alto valor nutritivo, ração balanceada, sal e silagem na alimentação do gado leiteiro. A ordenha é toda mecanizada, e a produção armazenada em resfriadores a granel. A produção é comercializada com empresas de resfriamento de leite, uma delas localizada na própria comunidade.
Tipo 06 (Leite II)	Sistema de produção de leite voltado mais para a subsistência da família, sendo o número de animais pequeno e as técnicas bem restritas. Os animais são criados em campo nativo, em pastagens pouco adubadas, com uma pequena suplementação de sal mineral. A ordenha dos animais é manual e a armazenagem é em freezer.
Tipo 07 (Gado de corte)	A criação de gado de corte, não tem grande expressividade, está direcionada para a subsistência e comercialização com a vizinhança e os açougues da cidade. O manejo é desenvolvido sobre campo nativo, com uma suplementação de ração e sal.
Tipo 08 (Suíno)	A tipologia 08, é caracterizada pela criação de suínos, e tem por objetivo a produção para subsistência, com o excedente sendo comercializado.
Tipo 09 (Peixe)	A piscicultura não chega a ser expressiva, sendo destinada à subsistência e comercialização na Semana Santa. A alimentação dos peixes é baseada em ração e pastos.

Fonte: Sistematização dos autores

Uma análise rápida dos sistemas de produção desenvolvidos em 2005 na comunidade de Poço Preto, permite inferir que as atividades e produções principais, eram

fundamentalmente guiadas pela sistemática de produtos com maior facilidade de comercialização, tais como, a soja, o milho, o trigo, o leite e a alfafa. E especificamente o direcionamento para a atividade leiteira, estava atrelado a instalação de um posto para recebimento e resfriamento de leite, por uma empresa privada, na comunidade, bem como a assistência técnica recebida para tal.

No entanto, em meados 2006, essa comunidade que estava aparentemente consolidada, com suas tipologias de produtores e sistemas de produção, bem como com sua organização social-produtiva, com a presença de 28 associações, é colocada à prova com a notícia da construção da Usina Hidrelétrica Passo São João, junto ao Rio Ijuí, entre os municípios de Dezesseis de Novembro e Roque Gonzales², atingindo grande área da comunidade de Poço Preto.

Segundo DERROSSO e ICHIKAWA (2014, p. 98):

É nesse momento, de construção da barragem, que começam os principais problemas ambientais e sociais, pois uma grande área de terra (na maioria das vezes, produtiva) será alagada e todo sistema social e ecológico será destruído para sempre. [...] Do ponto de vista social, as populações que ali residiam são compulsoriamente deslocadas e, junto com isso, mudam hábitos, rotinas, funções produtivas, relações sociais.

Desde a confirmação da construção, até agosto de 2012, quando teve início o enchimento do reservatório, a comunidade sofreu transformações significativas, iniciadas com a perda de terras, o que modificou a configuração das unidades de produção, obrigando muitos agricultores a mudarem-se para outras comunidades, ou mesmo municípios, tendo em vista a inviabilidade de permanecer com áreas extremamente reduzidas. E os que permaneceram na comunidade, durante esse período, dedicaram-se a construção de suas novas estruturas, como casas, galpões, hortas, pomares, pois a grande maioria foi atingida pela água ou pelas áreas de reflorestamento, necessitando assim, após as indenizações, mudar-se e reconstruir as estruturas.

A realidade verificada na comunidade, condiz com o que aponta Soares (2009):

[...] é notória a percepção dos impactos e conflitos sociais causados pela construção de uma hidrelétrica e de como a implantação de barragem, com a facilidade da empresa de desapropriar em nome do Estado, é ditatorial e cruel. É enorme o trauma causado pelas desapropriações de inúmeras famílias dos locais

² Sendo que em 25 de julho de 2006, é publicado no Diário Oficial da União, na sessão 1, página 12, o decreto que outorgou concessão para exploração de potencial hidráulico, por meio da usina denominada Usina Hidrelétrica Passo São João, em trecho do Rio Ijuí, da bacia do Uruguai, Estado do Rio Grande do Sul, à Eletrosul.

onde construíram sua história, terras herdadas de seus ancestrais e que agora desapareceram para sempre, pois ficaram submersas nas águas da represa (p.47).

Assim, observa-se que somente após o segundo semestre de 2012 a comunidade volta a sua atenção novamente a matriz produtiva, agora modificada, na grande maioria dos casos por uma redução das áreas de cultivo, maior dificuldade no acesso a água (ex: para irrigação das pastagens), novas e reduzidas estruturas físicas, fechamento do posto de resfriamento e recebimento de leite da comunidade, bem como redução significativa de ações de assistência técnica e extensão rural.

Na busca da definição de uma nova matriz produtiva, cerceada agora por uma nova realidade, percebe-se o fim do trabalho conjunto, ou seja, as associações tiveram fim, e cada agricultor passou a desenvolver de forma mais individual suas estratégias de produção, cada um de acordo com suas possibilidades.

Bem como, percebe-se após a “desestruturação” da cadeia produtiva do leite na comunidade, a diminuição, para não dizer o fim, da assistência técnica aos agricultores, ou seja, no momento que que foi mais necessária a presença de agentes de extensão rural na comunidade, no sentido de gerenciar a nova realidade, isso não ocorreu. Tal contexto, nos faz concordar com Deponti e Schneider (2011, p. 13), quando os mesmos afirmam que:

[...]os que mais necessitam de assistência técnica são os que menos acessam o serviço, ou seja, as famílias em maior vulnerabilidade social, com problemas financeiros e de sobrevivência são aquelas excluídas dos programas, em virtude da falta de informação, da situação financeira instável.

No primeiro semestre de 2017, em nova observação direcionada a, agora estruturada, nova realidade produtiva da comunidade de Poço Preto, percebeu-se a significativa presença da cultura da alfafa, pois das 38 famílias que ainda residem e produzem na comunidade, apenas 8 não estão vinculadas a esta cultura, tendo como atividade principal a atividade leiteira. E uma nova dinâmica, muito presente neste novo momento da comunidade, são as famílias prestadoras de serviço, ou seja, que produzem para subsistência, mas que tem como principal fonte de renda da unidade de produção a prestação de serviços para os produtores de alfafa³.

³ Esse novo contexto ocorre tendo em vista que algumas famílias foram indenizadas pela perda parcial de suas áreas e optaram por permanecer no mesmo espaço, embora com área de terra reduzida, e

O cultivo de alfafa na região Missões é relativamente recente, ocorre a aproximadamente 60 anos, pois devido a sua característica de adaptação a diferentes tipos de clima e solo, a mesma tornou-se conhecida e cultivada em quase todas as regiões agrícolas do mundo. Por muito tempo a cultura foi altamente dependente do uso intensivo de mão de obra, especialmente no momento do corte, o que dificultava a expansão das áreas de produção na região, segundo Mittelman (2006).

Atualmente, segundo os produtores, o tempo médio para a renovação dos alfafais é de quatro anos, com uma média de oito cortes por ano, e uma produtividade anual de aproximadamente 10.000 kg/ha.

Na comunidade de Poço Preto, praticamente toda a produção da alfafa é transformada em feno para comercialização com outras regiões do estado, sendo que a venda é feita para intermediários, que por sua vez dispõe de estruturas para armazenamento da produção, realizando assim compras em períodos de grandes ofertas e venda em períodos de baixa oferta e grande procura. Atualmente pela qualidade do produto ofertado, a produção da região tem sido procura por criadores de equinos, que utilizam o feno na alimentação dos animais, exigindo assim que os agricultores utilizem menos tratamentos químicos ao longo do ciclo produtivo, o que tem sido recebido pelos agricultores como demandas de mercado que necessitam ser atendidas.

A produção embora seja significativamente mecanizada, ainda depende de mão-deobra, especialmente por que o corte e recolhimento precisam ocorrer em período reduzido, especialmente se houver possibilidade de precipitação pluviométricas e assim, molhar o corte do cultivo. Para reduzir esses riscos de perda da produção, os produtores da comunidade têm desenvolvido a estratégia das trocas de serviço, entre os que detêm posse dos implementos para mecanização da produção, bem como os que cultivam, não tendo assim, a formalização das associações, mas um auxílio mútuo informal.

Por fim, estabelecendo um rápido comparativo no intervalo dos 12 anos observados, na comunidade de Poço Preto, percebe-se de forma geral, que a diversidade produtiva foi reduzida significativamente, apresentando atualmente um aprofundamento da homogeneização territorial, ou seja, não houve somente uma diminuição da

deixar os valores da indenização aplicados em poupanças ou outras formas de aplicação, gerando algum tipo de renda.

diversidade e aumento da especialização da produção, mas uma transformação nas relações de produção dessa comunidade. E neste sentido, caminhando na contramão da máxima de que as propriedades rurais devem diversificar suas atividades no intuito de obterem maior rentabilidade.

Sobre o futuro da comunidade de Poço Preto, é complexo algum posicionalmente, frente as observações realizadas, pois como bem lembra Niederle (2007), o que determina se a unidade familiar de produção caminha em uma ou outra via é o conjunto de estratégias que articula. As estratégias relacionam-se às mudanças nos processos de trabalho, investimentos de capital, ciclo produtivo, reprodução do grupo familiar, e mesmo ao universo de relações sociais, criando alternativas que se refletem em aumento ou diminuição do grau de dependência aos mercados. E nesse sentido, parece que a comunidade em questão, ainda tem diversos fatores interferindo sobre os rumos a serem tomados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou analisar as transformações produtivas da comunidade de Poço Preto, uma comunidade essencialmente familiar, localizada no município de Roque Gonzales, noroeste do estado do Rio Grande do Sul, no intervalo de 12 anos (2005-2017). Após dois períodos de estudo e observação referente a realidade produtiva da comunidade, é possível concluir que a mesma apresentava um potencial bastante grande, que seria a estruturação de uma cooperativa de produtores de leite, uma vez que em 2005, 68% dos produtores da comunidade trabalhavam com a atividade leiteira, possuindo boas instalações, e 94% dos moradores da comunidade já faziam parte de algum tipo de associativismo. Necessitava-se apenas de um gerenciamento das atividades nas propriedades e melhor e maior manejo do rebanho para a efetivação de tal potencialidade. No entanto, a interferência de um fator externo, a construção da UHE Passo São João, junto ao Rio Ijuí, alterou o curso produtivo da comunidade, exigindo transformações significativas, agora adaptadas a uma nova realidade, pautada na restrição de áreas produtivas.

A diversificação das fontes de renda da comunidade, marca registrada ao longo dos anos, através do desenvolvimento das diferentes culturas e criações, presente nas nove tipologias de produtores e nove sistemas de produção, identificados em 2005, alterada para um quase “monocultivo” da cultura da alfafa, mas a permanência de produção para autoconsumo, reafirmam a agricultura familiar como um modelo de produção, independente de tecnologias adotadas.

Por fim é possível concluir que as características de determinado espaço são alteradas de acordo com o tempo e influência de fatores externos, pois ao analisarmos a dinâmica da agricultura familiar da comunidade de Poço Preto, ainda que com um enfoque, nas unidades de produção (o que produzia e o que produz, como combina os fatores terra, trabalho e capital), é possível observar uma adaptação à diferentes situações, combinando fatores à sua disposição, sobressaindo-se a capacidade de se reinventar ao longo do tempo e de se manter enquanto forma social de produção relevante no conjunto da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MDA. **Um novo Brasil rural**. Ministério do Desenvolvimento Agrário 2003/2010. Brasília: MDA, 2010.
- DEPONTI, C. M. ; SCHNEIDER, S. Reposicionando a extensão rural: da intervenção planejada à construção de interfaces. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 49. Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte/UFBH: SOBER/, 2011.
- DERROSSO, G. S.; ICHIKAWA, E. Y. A Construção de uma Usina Hidrelétrica e a Reconfiguração das Identidades dos Ribeirinhos: Um estudo em Salto Caxias, Paraná. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo v. XVII, n. 3 n p. 97-114 n jul.-set. 2014
- FAO/INCRA. Guia metodológico: diagnóstico de sistemas agrários. Brasília: INCRA/FAO Projeto de cooperação Técnica, 1999.
- Google maps. Disponível em: <<https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR>> Acesso em: ago. 2017.
- GRISA, C. As políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil: um ensaio a partir da abordagem cognitiva. **Desenvolvimento em Debate**, v. 1, p. 83-109. 2010. GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A “produção invisível” na agricultura familiar:

autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. Revista



Agroalimentaria. Venezuela, vol. 16, nº 31; p. 65-79, julio-diciembre 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário de 2006, **Agricultura Familiar, primeiros resultados**, Rio de Janeiro, 2009.

LIMA, A. P. et all. Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001

MAZOYER, M.; ROUDART, L. Historie des agricultures du monte: du néolithique à la crise contemporaine. Paris: Seuil, 1997. 531 p.

MITTELMANN, A. Tecnologias para a produção de alfafa no Rio Grande do Sul. Pelotas. Embrapa Clima Temperado, 2008.

NIEDERLE, P.A. Mercantilização, estilos de agricultura e estratégias reprodutivas dos agricultores familiares de Salvador das Missões, RS. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Porto Alegre: UFRGS. 2007.

SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias**, v. 11, p. 88-125. 204.

SOARES, V. R. Impactos sociais causados pela construção de hidrelétricas em populações ribeirinhas na zona da mata mineira: o caso específico da usina hidrelétrica Candonga – Rio Doce/ Santa Cruz Escalvado – Minas Gerais. **Monografia** (Bacharel em Ciências Sociais (Ciência Política). Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, 2009.

WANDERLEI, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.